

Cartas que Formam: Reflexões Pedagógicas Sobre o Trabalho com Bebês.

Cartas que Forman: Reflexiones Pedagógicas sobre el Trabajo con Bebés

Graziela Machado Silva¹

Luciana Contreira Domingo²

Resumo

O presente resumo apresenta uma carta pedagógica destinada a professoras da Educação Infantil, em especial às que atuam com bebês, com o objetivo de promover uma reflexão sobre as práticas pedagógicas cotidianas nesse contexto. A carta configura-se como um convite ao diálogo e à construção coletiva de saberes, partindo das experiências pessoais e profissionais da autora enquanto professora de berçário. Inicialmente, é compartilhada a trajetória formativa que despertou o encantamento e o compromisso com a docência voltada à primeira infância, destacando-se os desafios e aprendizados vivenciados no cotidiano escolar. Em seguida, a autora introduz sua abordagem pedagógica, inspirada em teóricos como Loris Malaguzzi, Emmi Pikler e, principalmente, Elinor Goldschmied e Sonia Jackson (2006), cujos estudos fundamentam a prática do brincar heurístico no contexto da creche. Essa proposta pedagógica reconhece o bebê como sujeito ativo, curioso e competente, que aprende e se desenvolve por meio da exploração livre e significativa de materiais e ambientes. Assim, a carta propõe um repensar sobre o papel do educador, compreendendo o cuidar e o educar como dimensões indissociáveis do trabalho pedagógico com a primeira infância. Por fim, a autora apresenta questionamentos às colegas, buscando estimular o diálogo e a troca de experiências que possam contribuir para uma prática mais sensível, respeitosa e significativa com os bebês. A carta, portanto, constitui-se como um dispositivo formativo e reflexivo que visa fortalecer a construção coletiva de uma pedagogia da escuta, da observação e do respeito aos tempos e necessidades das crianças pequenas.

Palavras-chave: Educação Infantil; Bebês; Prática pedagógica; Brincar heurístico; Formação docente.

Resumen

El presente resumen presenta una carta pedagógica dirigida a profesoras de Educación Infantil, especialmente a aquellas que trabajan con bebés, con el objetivo de promover una reflexión sobre las prácticas pedagógicas cotidianas en este contexto. La carta se configura como una invitación al diálogo y a la construcción colectiva de saberes, partiendo de las experiencias personales y profesionales de la autora como docente de sala de lactantes. En un primer momento, se comparte la trayectoria formativa que despertó el encanto y el compromiso con la enseñanza dirigida a la primera infancia, destacando los desafíos y aprendizajes vividos en el ámbito escolar. A continuación, la autora introduce su enfoque pedagógico, inspirado en teóricos como Loris Malaguzzi, Emmi Pikler y, principalmente, Elinor Goldschmied y Sonia Jackson (2006), cuyos estudios fundamentan la práctica del juego heurístico en el contexto de la educación de 0 a 3 años. Esta propuesta pedagógica reconoce al bebé como un sujeto activo, curioso y competente, que aprende y se desarrolla mediante la exploración libre y significativa de materiales y ambientes. Así, la carta propone repensar el papel del educador, comprendiendo el cuidar y el educar como dimensiones inseparables del trabajo pedagógico con la primera infancia. Finalmente, la autora presenta interrogantes a sus colegas, con el propósito de estimular el diálogo y el intercambio de experiencias que puedan contribuir a una práctica más sensible, respetuosa y significativa con los bebés. La carta,

¹ (Maior Titulação; Afiliação; cidade, estado e país; e e-mail de contato. Exemplo: “Doutor em Política Cultural; Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura - CLAEC; Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil; xxx@claec.org”).

por lo tanto, se constituye como un dispositivo formativo y reflexivo que busca fortalecer la construcción colectiva de una pedagogía de la escucha, la observación y el respeto a los tiempos y necesidades de los niños pequeños.

Palabras clave: Educación Infantil; Bebés; Práctica pedagógica; Juego heurístico; Formación docente.

Jaguarão, 15 de novembro de 2025.

Caríssimas professoras,

Venho, por meio desta carta, convidá-las a refletir comigo sobre nossas práticas com os bebês em sala de aula. Escolhi escrever especialmente para vocês, professoras que, assim como eu, vivenciam o dia a dia da Educação Infantil e têm a enorme responsabilidade de educar os bebês. Sabemos da importância do cuidar quando se trata dessa faixa etária, mas também reconhecemos nossa missão, enquanto educadoras, de promover o desenvolvimento integral dos nossos alunos.

Aproveito para refletirmos sobre a importância das cartas pedagógicas como um convite ao diálogo e à reflexão, segundo Freire (2000) as cartas são um espaço pedagógico de partilha, humanização e de esperança. Ao escrever uma carta pedagógica segundo Dickmann (2018), “[...] escrevo a partir de minhas experiências e meus saberes acumulados. O que sei é compartilhado na carta e serve de insumo para meus interlocutores/as aprenderem comigo e, ao me responderem, me ensinarem, a partir do que sei.”

Foi a partir das experiências e inquietações surgidas durante minha prática pedagógica que senti a necessidade de propor essa reflexão. Para que compreendam melhor, convido-as a fazer uma viagem no tempo pela minha trajetória até a redação desta carta.

Em março de 2015, ingressei no curso de Pedagogia da Unipampa/Campus Jaguarão e, em novembro do mesmo ano, fui chamada para trabalhar como estagiária da prefeitura em uma escola de Educação Infantil do município de Jaguarão/RS. Foi nesse momento que tive meu primeiro contato com a Educação Infantil, especialmente com os bebês, pois atuava como auxiliar de uma professora na turma de Creche 1, com crianças de 0 a 2 anos. A partir dessa experiência, passei a me encantar pelo universo dos primeiros anos de vida.

Na época, ao observar o funcionamento do berçário, percebi a necessidade de realizar com os alunos atividades pedagógicas que fossem além do cuidar que, claro, é essencial e indissociável do educar. Busquei, no popular Google, ideias de atividades para a faixa etária que atendíamos e fui aplicando aquelas que julgava mais interessantes e viáveis.

Percebi, naquele momento e mais adiante, já formada, que pouco se fala na academia sobre a educação voltada aos primeiros anos. Após concluir dois anos de estágio, segui outros caminhos profissionais. Foi apenas em 1º de março de 2024 que assumi um concurso de 20 horas semanais e, desde então, venho me dedicando ao trabalho com o berçário.

Minhas primeiras propostas pedagógicas estavam ligadas aos projetos da escola, geralmente relacionados a datas comemorativas. Eu costumava montar um único recurso pedagógico e chamar um bebê por vez para participar ou tentava realizar a atividade com todos em roda. Na maioria das vezes, eu acabava frustrada, pois as atividades não saíam como eu esperava, e os

bebês não conseguiam explorar os objetos da forma como gostariam, nem como fazia sentido para eles.

Foi a partir dessas experiências que surgiram os questionamentos sobre minha prática. Movida pela curiosidade, busquei estudar autores que falassem especificamente sobre o trabalho com bebês e crianças bem pequenas. Foi assim que conheci as teorias de Emmi Pikler, Paulo Fochi, Loris Malaguzzi e Elinor Goldschmied, que enriqueceram minha prática e contribuíram significativamente para a professora que me tornei.

Esses estudos me apresentaram às pedagogias participativas e ao brincar heurístico e, a partir disso, passei a olhar o berçário sob uma nova perspectiva. Para aprofundar essa compreensão e evidenciar a relevância da educação na primeira infância — especialmente no trabalho pedagógico com os bebês — trago, a seguir, algumas reflexões e informações que contribuem para ampliar nosso entendimento sobre essa etapa tão singular do desenvolvimento humano.

A Educação Infantil representa o primeiro contato das crianças com o espaço escolar, abarcando, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aquelas de 0 a 1 ano e 7 meses. Nessa faixa etária, a criança é altamente dependente do adulto, e, por isso, o cuidar e o educar configuram-se como dimensões indissociáveis do trabalho docente. Entre trocas de fraldas, momentos de alimentação e outras ações de caráter assistencial, constroem-se vínculos afetivos e interações significativas entre os bebês, seus professores-cuidadores, os colegas e o ambiente do berçário como um todo.

O processo interacional entre os bebês e seus pares é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, assim como a relação de carinho e respeito estabelecida com o adulto, que contribui para um ambiente mais seguro, acolhedor e tranquilo. Nesse contexto, o educador precisa planejar experiências pedagógicas que contemplem o cuidar, mas também favoreçam o desenvolvimento das habilidades e competências descritas na BNCC.

O brincar, nessa fase, é uma forma natural e espontânea de aprendizagem. Desde muito cedo, nas interações com os adultos, os bebês demonstram curiosidade e disposição para explorar o mundo ao seu redor. Respeitar o corpo, os desejos e as percepções sensoriais da criança é essencial, e é nesse cenário que o brincar heurístico se insere como uma abordagem potente. Segundo Eyer e Gonzalez-Mena (2014, p. 73), “por brincadeira livre e exploração queremos dizer uma brincadeira cuja atividade não é controlada, porém monitorada; é quando as crianças têm a opção de seguir os próprios interesses sem estar sob o controle contínuo dos adultos ou em função de resultados esperados”.

O brincar heurístico/ investigativo é uma proposta das autoras Elinor Goldschmied e Sonia Jackson (2006), essa abordagem pedagógica valoriza a exploração livre de objetos diversos, de diferentes materiais e formas, promovendo a autonomia, a descoberta e o prazer em aprender. O papel do professor é o de observador e mediador, registrando as aprendizagens e os modos como os bebês se relacionam com os materiais e com o espaço.

Após esse aprofundamento nas teorias reposicionei meu entendimento sobre o cuidar, sobre as atividades pedagógicas e sobre meu próprio papel como educadora. Em 2025, voltei a lecionar em Jaguarão, justamente na mesma escola onde havia estagiado dez anos antes, na mesma sala e com a mesma faixa etária: o berçário.

Nesse misto de nostalgia e desejo de fazer a diferença, passei a trabalhar com vivências pedagógicas. Comecei a utilizar materiais não estruturados, montando espaços esteticamente

planejados como propostas de aprendizagem. Aderi ao brincar livre, permitindo que os bebês explorassem livremente os ambientes e os materiais disponibilizados.

Aproveito para trazer uma citação do livro *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*, de Elinor Goldschmied e Sonia Jackson, que traz uma breve explicação sobre essa abordagem:

[...]Ela envolve oferecer a um grupo de crianças, por um determinado período e em um ambiente controlado, uma grande quantidade de tipos diferentes de objetos e receptáculos, com os quais elas brincam livremente e sem a intervenção de adultos. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 148).

Desde então passei a oferecer experiências que ampliassem o repertório dos meus alunos, com o uso de elementos da natureza, materiais recicláveis e tintas comestíveis. Aprendi a respeitar os bebês em suas escolhas, reconhecendo-os como sujeitos autônomos, criativos e curiosos, que atribuem novos significados aos objetos, mesmo àqueles que, para nós, adultos, parecem não ter valor algum.

Deixei de lado práticas como o carimbo de mãos, nas quais os bebês eram obrigados a sentir uma textura sem estarem preparados, e passei a permitir que eles explorassem com liberdade as tintas, utilizando mãos, pés e todo o corpo. Nessa fase da vida, os bebês aprendem brincando, movimentando-se livremente e explorando o mundo ao seu redor por meio de experiências sensoriais ricas e significativas.

Sinto-me encantada por esse trabalho e posso afirmar que meu berçário é mais tranquilo porque os alunos são respeitados em suas vontades e ritmos.

Diante disso, convido vocês a refletirem comigo sobre as suas práticas docentes:

- Qual a percepção que vocês têm sobre o educar para os bebês?
- Já conheciam essa abordagem pedagógica do brincar heurístico?
- Quais são as dificuldades, necessidades e angústias enfrentadas no dia a dia?

Compreende-se que o uso da carta pedagógica ultrapassa o caráter meramente comunicativo, configurando-se como um instrumento de diálogo, reflexão e formação entre educadoras da primeira infância. Como diria Freire, “ao escrever, busco dialogar com quem me lê; é nesse diálogo que o pensamento se amplia e o aprendizado acontece” (FREIRE, 1993, p. 15). Assim, a escrita da carta pedagógica assume um papel formativo e investigativo, pois possibilita a troca de saberes, a escuta sensível e o reconhecimento das experiências docentes como fontes legítimas de conhecimento.

Dessa forma, as cartas não apenas promovem a reflexão individual sobre as práticas pedagógicas, mas também fortalecem os vínculos profissionais e contribuem para a construção coletiva de uma Educação Infantil mais humana, crítica e significativa.

A partir disso peço, com carinho, que me respondam esta carta. Acredito que esse pode ser um espaço potente de troca de experiências, de reflexão coletiva, e eu adoraria contar com suas contribuições para que, juntas, possamos pensar uma Educação Infantil mais sensível, respeitosa e significativa para os nossos bebês.

Com carinho e admiração,
Graziela Machado Silva, professora de bebês.

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

DICKMANN, Ivonio. *Cartas Pedagógicas: um jeito sensível de fazer pesquisa*. Chapecó: Argos, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. ISBN 978-85-363-0694-0.